

Que vitória é essa numa guerra que não houve?

O grande jornalista norte-americano James Reston, fazendo uma autocrítica de seu trabalho e do trabalho de seus companheiros, disse certa vez que, mesmo num país altamente democrático como os Estados Unidos, com todas as garantias da primeira emenda à liberdade de expressão, o governo, como o maior fornecedor de notícias, quando tem um departamento de promoção competente, consegue induzir o comportamento da imprensa nacional. Aqui no Brasil são os personagens da vida política que estão determinando o comportamento da imprensa, fazendo com que a interpretação que eles têm dos fatos cheguem aos leitores como sendo os próprios fatos. Jornalistas e órgãos de comunicação no Brasil estão precisando fazer uma autocrítica como a de Reston para que não desinformem em lugar de informar.

Um exemplo típico dessa distorção tivemos no "noticiário" político dos últimos dias a respeito do discurso do presidente José Sarney, da resposta do deputado Ulysses Guimarães e da aprovação em bloco do projeto B de Constituição na tarde de quarta-feira. O balanço final dos três episódios — que acabaram assumindo a aparência de episódio único — foi apresentado como uma vitória do deputado peemedebista e uma derrota do presidente Sarney, numa interpretação tão equivocada quanto simplista das verdadeiras dimensões dos acontecimentos.

Em primeiro lugar, a aprovação em bloco do projeto constitucional era uma mera formalidade regimental, nunca tendo havido sequer a hipótese de uma rejeição total. Ainda que jamais tivesse surgido a questão do discurso presidencial, o projeto teria sido aprovado exatamente como foi, com pequena oscilação de votos.

Em segundo lugar, jamais o presidente Sarney pediu a rejeição total do projeto, ao contrário do que alguns políticos insinuaram e a imprensa registrou sem contestar. Não há nada que se pareça com isso no texto lido pelo presidente na terça-feira à noite. O que o presidente Sarney fez, num gesto quase desesperado, foi tentar no último momento convencer os constituintes a, por meio das emendas supressivas que já estão em discussão, retirar do projeto constitucional os pontos que ele considera mais letais para a economia brasileira. Não foi isso, porém, que a imprensa divulgou.

Como já dissemos ontem, o presidente foi infeliz ao usar a expressão ingovernabilidade para definir a situação em que o País ficará após a promulgação da futura Carta Magna se mantidas todas as barbaridades aprovadas no primeiro turno. Isso bastou para que seus adversários distorcessem a real intenção de seu discurso, espalhando que o presidente estava apenas preocupado com os poderes que perderá na nova ordem constitucional. Desafiamos quem quer que seja a encontrar qualquer referência à distribuição dos poderes no discurso presidencial. Como dissemos no editorial de ontem, ele apenas arrolou uma série de medidas que irão sobrecarregar ainda mais as combalidas finanças públicas, mostrou o que chamamos de conseqüências matemáticas da prodigalidade sem fundos dos constituintes e demonstrou, concretamente, que não há possibilidade de se fazer um casamento perfeito entre essa prodigalidade e os recursos de que o Estado dispõe.

Em momento algum houve uma guerra entre o presidente da República e a Assembléia Nacional Constituinte ou mesmo entre o sr. José Sarney e o sr. Ulysses Guimarães. O que houve — e ainda há — é uma disputa entre os constituintes que aprovaram uma série de barbaridades nocivas ao País e a sociedade brasileira que acha que eles estão errados e quer mudanças. Aliás, mudanças necessárias, como reconheceu o próprio dr. Ulysses em seu discurso de quarta-feira — mais anacrônico, na forma e no conteúdo, do que o próprio Velho do Restelo..., por artes também da desinformação e da incultura transformado em uma grande peça oratória.

A maior prova do enfoque equivocado dado pela imprensa nós podemos encontrar na página 7 do Jornal da Tarde de ontem. De um lado está a reportagem sobre a pirotecnia constituinte de anteontem e de outra uma matéria com a opinião de empresários brasileiros sobre o pronunciamento presidencial da terça-feira. Falam em vitória do Ulysses sobre Sarney. Mas os homens que ajudam a criar as riquezas desse país, que dão empregos e que contribuem com uma grande parcela dos recursos que o Estado usa para prestar os seus serviços à população, foram unânimes em elogiar a postura do presidente: tanto na sua disposição de alertar os constituintes e a sociedade brasileira quanto nos pontos que ele abordou na sua argumentação.

É que eles sabem perfeitamente que a Constituição, como está no tal projeto B, inviabilizará a atividade econômica e provocará, num espaço de tempo muito curto, um desfecho trágico da crise econômica que já é, a esta altura, a maior de nossa história.

Os constituintes, no entanto, ajudados pela imprensa, preferiram ignorar essas advertências e encenaram a farsa cívica de quarta-feira, em que o presidente Sarney foi o lobo e o dr. Ulysses o cordeiro, o Palácio do Planalto encarnou o mal e a Assembléia Nacional Constituinte o bem. Esse clima artificial de guerra criou, pelo que pudemos ver na sessão de votação da totalidade do projeto B, uma situação extremamente delicada, ainda mais difícil do que já estava antes desse episódio. A Constituinte, tomada de bríos (sem nenhuma razão, porque ninguém atacou o seu poder em si, mas apenas criticou algumas de suas decisões), poderá esquecer a razão para agir apenas em função da emoção.

Com isso as mudanças que se fazem necessárias poderão tornar-se impossíveis.

O esprit de corps — ainda mais quando ele está baseado em dados falsos ou incorretamente apresentados — costuma embotar o raciocínio dos homens. É a coisa que o Brasil mais necessita agora é que a razão e o bom senso passem a habitar a cabeça dos senhores constituintes.

Quanto ao papel do novo "herói" da imprensa nacional nesse episódio, ele foi o mais lamentável de todos. Esquecendo-se de suas responsabilidades como presidente do PMDB, da Câmara dos Deputados e da Assembléia Nacional Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães aproveitou o que julgou uma oportunidade para tentar ressuscitar sua candidatura à Presidência da República.

E, pelo estilo ultrapassado do seu desempenho no comício de anteontem, a gente chega à conclusão de que para aqueles cujo atraso é grande demais até o amanhã já chega mofado...